

FIQUE EM CASA

Maria da Glória S. Telles da Silva

Este é o apelo e, porque não dizer, o mandato vigente em tempos de pandemia COVID19. Se para a saúde física, a obediência a esta determinação pode salvar vidas, quais os efeitos deste slogan para a vida do sujeitos?

Como isso interferiu nos tratamentos em andamento? Favorece ou dificulta nosso trabalho?

Essas são algumas das tantas perguntas que temos nos feito neste momento peculiar que estamos passando.

Como tem repercutido esse distanciamento social para nós que somos essencialmente seres sociais?

Trabalho com adolescentes, muitos deles com quadros depressivos graves e que, até o início deste tempo de restrições sociais, já se encontravam em uma vida de restrição, devido a precariedade de suas estruturas subjetivas que, sustentados desde a fragilidade de seu desejo, lhes impedia de investir na construção de aprendizados e relações que lhe trouxessem impulso à vida.

Muito desse desinvestimento se apresentava justamente na dificuldade se 'sair de casa', ou seja, de precisar enfrentar os desafios e exigências que a vida propõe: escola, definição de uma posição sexual, escolhas amorosas, escolhas profissionais. Todos esses avatares próprios deste tempo adolescentes sempre são vividos com angústias e incertezas, colocando o sujeito na dolorosa verdade de que a vida não tem garantidores. Deparar-se com não ter mais um Outro que tudo decide e ter que arcar com as conseqüências de suas escolhas é um processo crucial que se fortifica neste tempo da vida, sendo o único balizador para isso a potência do desejo, constituído desde suas relações com o Outro primordial e lapidado pelas marcas os significantes paternos aportaram a esse sujeito.

A clínica no ensinou que quanto mais precário for esse processo, mais frágil será a potência de seu desejo. E precariedade nada tem a ver com dificuldades. Muitas vezes, dificuldades enfrentadas na vida, de qualquer tipo, servem muitas vezes para impulsionar o desejo de superá-las. Logo, quando falo de precariedade, falo da falta de referência para reconhecer o quê na vida importa. Isso é o que alguns pais conseguem transmitir de forma peremptória e outros não.

Esse slogan pandêmico, para algumas estruturas, não faz mais que adiar esse processo de abertura do sujeito no caminho de ganhar vida. Alguns, que vinha trabalhando em seus tratamentos para encontrar essa referência nos trilhamentos de sua história foram interrompidos, seja pelo medo social que incrementou essa volta a casa e o fechamento do caminho para qualquer outro recurso, não presencial, que pudesse propiciar o seguimento do tratamento; Seja por que esse **Fique em casa** favorece e incrementa a força do gozo em detrimento ao desejo, mantendo tais sujeitos num tênue patamar que retarda ou até paralisa sua vida.

Ainda é cedo para saber da amplitude das conseqüências da obediência a este mandato social, que impera nos dias de hoje, para cada sujeito em questão.

De outro lado, o velho ditado *se Maomé não vai a montanha, a montanha vai a Maomé* ganha mais sentido.

Para outros sujeitos, que enfrentavam uma grande dificuldade nesse movimento de dirigir-se ao Outro, o **Fique em casa** surge como uma saída, pela via dos recursos midiáticos à disposição, autorizando-os a aproximar-se do Outro e desde uma imaginada proteção das paredes de sua casa ou da tela de um computador ou celular, dar início ou andamento a esse processo de movimentar sua economia interna e fazer trabalhar suas questões desde a disponibilidade da escuta do analista.

Se, aparentemente há um elemento, COVID-19, que unifica e tenta homogeneizar a vida de todos os sujeitos deste planeta, o certo é que haverá diferenças no modo como cada um atravessará esse momento. Isso vale também para os analistas, que precisarão encontrar sua forma singular de seguir trabalhando e seguir sustentando a ética do bem dizer, colocando sua escuta à disposição dos que desejam seguir com a vida.